

REZENDE,
Amanda

POÉTICAS DA TERRA: UM ENSAIO SOBRE A FALTA

Amanda Rezende¹

RESUMO

O presente artigo visa apresentar a série “Silhuetas”, de Ana Mendieta, e o trabalho de Celeida Tostes, denominado Passagem, sugerindo diálogos entre as poéticas dessas artistas. Partindo de ideias como identidade, território e corpo, aborda como marcos em suas trajetórias de vida se apresentam e se relacionam em seus trabalhos artísticos, traçando aproximações entre suas subjetividades em suas obras a partir da falta.

PALAVRAS-CHAVE

Ana Mendieta; Silhuetas; Celeida Tostes; Passagem; Corpo.

1. ANA MENDIETA: IDENTIDADE E TERRITÓRIO

Ao nos lançarmos à difícil tarefa de compreensão dos trabalhos realizados pela artista Ana Mendieta (1948-1985), é indispensável voltarmos o nosso olhar para a sua trajetória de vida. Nascida em 1948, cubana, de família católica, vive parte da sua adolescência em um país imerso em uma crise política. E, aos 11 anos, passa por um significativo evento: seus pais decidem colocá-la junto a sua irmã no programa apoiado por organizações religiosas dos Estados Unidos, conhecido como Operação Peter Pan. Dessa forma, as duas são prontamente enviadas para viver no país. Portanto, deixar Cuba ainda jovem e entrar em contato com uma sociedade e cultura diferentes da sua provoca na artista um confronto, que se torna claramente perceptível em suas obras.

Ao chegar em um lugar com suas próprias problemáticas, inúmeras questões são despertadas na artista, boa parte sobre si mesma. O fim dos anos 50 e o início dos anos 60 foi um período marcado na história dos Estados Unidos como ápice das discussões sobre direitos civis. Nesse sentido, era um momento no qual os debates desse panorama do contexto histórico e político do país, o programa Operação Peter Pan

¹ Bacharel em História da Arte pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) em 2020. Contato: arfpdomiciano@gmail.com

havia enviado Ana Mendieta e sua irmã para o estado de Iowa, local que, além das questões já apresentadas, era conhecido por ser bastante conservador e pela rara presença de imigrantes, por não se tratar de um estado tão turístico. Logo, Mendieta passou a ser vista como diferente, imigrante, cubana. Com a percepção relacional causada pelas diferentes culturas que agora se confrontavam nessa nova dinâmica, esse foi o primeiro momento na vida de Ana Mendieta em que ela questiona a sua etnicidade.

Foi quando eu percebi que vivia em um pequeno mundo dentro da minha cabeça. Não era o ser diferente que era ruim, mas que eu nunca havia percebido que as pessoas eram diferentes. Então, tentar encontrar meu lugar na terra e tentar me definir veio dessa experiência de descobrir diferenças. (MONTATO, 2001, p. 395, tradução nossa)².

O conflito proporcionado pelo embate com o novo país, que também enfrentava seus próprios problemas políticos naquele momento, revelou para a artista questões sobre seu corpo e a sua identidade. Ao se sentir deslocada, ela passa então a lidar com a falta e, através da arte, se debruça na tentativa de se localizar.

Tenho mantido um diálogo entre a paisagem e o corpo feminino (com base na minha própria silhueta). Creio que este tem sido um resultado direto de ter sido arrancada da minha terra natal (Cuba) durante a minha adolescência. Sinto-me esmagada pela sensação de ter sido lançada do ventre (natureza). A minha arte é a forma como restabeleço os laços que me unem ao universo. (DEL RIO; PERREAULT, 1988, p. 10, tradução nossa)³.

O exílio teve um impacto profundo em suas obras já que, a partir dele, a artista busca reatar os laços que a uniam com a terra onde nasceu. Ao fazer isso, Mendieta procura, através da história e da cultura cubana, se perceber nessa nova posição: cubana vivendo em outro país. Desse modo, a artista, em seus trabalhos, passou a utilizar seu corpo para evocar sua origem, entrelaçando-a com a sua vivência em outro país, como forma de lidar com a falta.

Tendo isso em mente, é possível notar como as questões relativas à identidade e ao território que aparecem em sua vida são proposições também marcadas

2 Original: It was then that I realized that I lived in a little world inside my head. It wasn't that being diferente was bad; it's just that I never realized that people were diferente. So, trying to find a place in the Earth and trying to define myself came from that experience of discovering differences (MONTATO, 2001, p. 395).

3 Original: I have been carrying on a dialogue between the landscape and the female body (based on my own silhouette). I believe this has been a direct result of my having been torn from my homeland (Cuba) during my adolescence. I am overwhelmed by the feeling of having been cast from the womb (nature). My art is the way I re-establish the bonds that unite me to the universe (DEL RIO; PERREAULT, 1988, p. 10).

em suas obras. Em seu livro, *A identidade cultural na pós-modernidade* (2006), Stuart Hall discute as implicações do mundo globalizado no modo como entendemos e percebemos o conceito de identidade. Para o autor, a identidade é “*formada na interação entre o eu e a sociedade*” (HALL, 2006, p. 11). Sendo assim, a partir do movimento produzido pela globalização com suas novas possibilidades de dinâmicas espaciais, proporcionou também novas interações entre os indivíduos.

Dessa maneira, as estruturas da sociedade deixaram de ter um caráter tão rígido. Então, Hall afirma a existência de uma “*crise de identidades*”, surgida a partir da mudança de paradigma dessas estruturas – que anteriormente serviram como referência para as formações de identidade, abalando, dessa maneira, as ideias previamente estabelecidas da identidade como única, estável e inalterável (HALL, 2006, p.7). Portanto, “*identidades modernas estão sendo ‘descentradas’, isto é, deslocadas ou fragmentadas*” (HALL, 2006, p.8); devido ao aumento dos deslocamentos provocados pela globalização, novos encontros foram proporcionados e com isso as identidades passaram a assumir um caráter ainda mais processual e relacional.

Desse modo, notamos como a subjetividade de Ana Mendieta tem sua formação intrinsecamente relacionada ao território. Logo, o exílio provocou questionamentos a sua identidade ao alterar a forma que ela se percebe. Nos Estados Unidos, a artista teve contato com outra cultura e passou a ser identificada como latina e diferente. A identidade passa então a assumir uma posição de centralidade por meio das relações produzidas pelo seu corpo nesse novo lugar. A seguinte fala de Mendieta, “*Estou entre duas culturas – entende?*”⁴, presente no livro de Judith Wilson, *Ana Mendieta plants her Garden* (1980), evidencia como, ao se deparar com esse novo lugar, surge esse confronto de si mesma.

Stuart Hall menciona como essa mudança de paradigmas provoca uma nova dinâmica de percepção de si que produz “*uma perda de um ‘sentido de si’ estável*”, pela qual pode ser “*chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito*” (HALL, 2006, p.9). A partir desses pensamentos de Hall, é possível começar a elucidar as questões relativas à identidade e território presentes na obra da artista que surgem devido ao exílio. Nesse livro, o autor ainda afirma que a pessoa tem uma essência a qual seria “*o ‘eu real’*”, mas esta é formada e modificada num diálogo contínuo com os mundos culturais ‘*exteriores*’ e as identidades que esses mundos oferecem” (HALL, 2006, p.11).

Ainda no tocante da discussão sobre identidade, a autora Blocker escreve:

Ao envolver as contradições da prática identificadora relativamente à mulher, à primitiva, à terra e à nação, Mendieta ocupa a posição discursiva do exílio, e ela usa esta posição para produzir em nós uma sensação de espanto. Ela usa, por outras palavras, o exílio performativamente para

4 Original: “I am between two cultures – you know?”. Fala de Ana Mendieta, presente em WILSON, 1980. Tradução nossa.

questionar os limites e a fixidez da identidade (BLOCKER, 1999, p. 73, tradução nossa)⁵.

Após esse primeiro contato com a trajetória da vida de Ana Mendieta, voltemos nosso olhar aos seus trabalhos artísticos. É possível notar como as questões culturais estão presentes neles, a partir, também, de questionamentos feministas e sobre o seu corpo. Mas, ao adentrarmos na poética da artista, notamos que o seu corpo passa a se transformar e adquirir um novo sentido.

A série *Siluetas* (1977) foi uma extensa produção de trabalhos da artista, na qual ela demarcou os territórios com o seu corpo, formando imagens efêmeras, como rastos nas paisagens. Seu corpo passa a estar presente nessa série como uma ausência, a produção de uma marca, vestígios de um corpo que não está mais totalmente ali. Tornando, assim, a relação com o exílio mais evidente e aparecendo de modo mais subjetivo. (Figura 01).



Fig. 01: Ana Mendieta, UNTITLED (SILUETA SERIES), 1977.
Fonte: DEL RIO, P. B.; PERREAULT, J., 1998, p. 16. Coleção de Raquel O.

5 Original: "By engaging the contradictions of identificatory practice relative to the female, the primitive, earth, and nation, Mendieta occupies the discursive position of exile, and she uses this position to produce in us a sense of the uncanny. She uses, in other words, exile performatively to question the limits and fixity of identity." (BLOCKER, 1999, p. 73).

A natureza surge para a artista a partir dessa ausência. O caráter passageiro dessas performances, realizadas no espaço da natureza, se relaciona com a sua história de vida. Da mesma forma que marca seu corpo nos lugares, essas marcas são impermanentes. Como não tinha somente uma ligação com Cuba, nem somente com os Estados Unidos, cria uma nova maneira de encarar esse entrelaçamento. Então, a artista busca um pertencimento ao todo, à Terra, ao Universo. (Figura 02).



Fig. 02: Ana Mendieta, UNTITLED (SILUETA SERIES), 1980.
Fonte: BLOCKER, 1999.

Mendieta afirma:

Conhecer-se a si mesmo é conhecer o mundo, e é também, paradoxalmente, uma forma de exílio do mundo. Sei que é esta presença de mim, este autoconhecimento, que me faz dialogar com o mundo que me rodeia através da criação artística (RUÍDO, 2002, p. 85, tradução nossa)⁶.

Assim, evidencia-se como, por intermédio da arte, Ana Mendieta procura entender a sua subjetividade e propõe um modo de regressar não somente à sua cultura e origem, mas também a si mesma.

⁶ Original: Conocerse a uno mismo es conocer el mundo, y es también, paradójicamente, una forma de exilio del mundo. Sé que es esta presencia de mi misma, este autoconocimiento, lo que me hace dialogar con el mundo a mi alrededor por medio de la creación artística (RUÍDO, 2002, p. 85).

2. A FALTA E A TERRA

Outra artista que também relaciona a terra com a sua subjetividade em suas obras é a Celeida Tostes. Em 1979, ela realizou um trabalho que nomeou de *Passagem*, na qual realiza uma performance no seu apartamento no Rio de Janeiro, Brasil, com a ajuda de algumas assistentes. Nela, Tostes cobre seu corpo com barro e adentra uma espécie de vaso, ovo, ventre, dentro do qual permanece por um tempo até forçar o seu corpo para projetar a sua saída, provocando um tombo dessa estrutura na qual habitava. Ao se referir a esse trabalho, a artista menciona que sentiu uma conexão com a terra e o seu corpo: *“Passagem foi, para mim, a oportunidade onde mais pertenci a minha matéria prima de trabalho – o barro, a terra. A terra como um grande ventre, como um COSMOS”* (NAME, 2014, p. 53). (Figura 03).



Fig. 03: Celeida Tostes, *Passagem*, 1979.
Fonte: SILVA, R. e COSTA, M.L. (Org.).

Após esse primeiro contato com a obra *Passagem* (1979) de Celeida Tostes, é possível notar algumas semelhanças com Mendieta. Além de serem duas artistas que utilizam seu corpo como veículo para produzir seus trabalhos, tem um material que também as aproximam: a terra. O modo como Tostes utiliza o barro e o entende – como matéria da terra, produz um diálogo com as marcas também produzidas por Mendieta, na série *Siluetas* (1977).

Ana Mendieta, ao demarcar a terra com seu corpo sinaliza uma presença a partir da falta, uma busca por pertencimento que é orientada por uma ruptura de sua origem, devido ao exílio. A ausência do seu corpo em Cuba passa a ser marcada na terra, mas adquirindo, dessa forma, uma presença. Como o trabalho é uma série, a repetição não o torna banal, mas sim confere uma característica de demarcar, sinalizar, recontar a sua história através de uma ausência que evoca uma presença.

Além disso, o caráter efêmero dessas imagens produzidas com marcas na terra tem um sentido transitório, de existirem apenas por um tempo indeterminado, pois estão sujeitas às intempéries da natureza. Sendo assim, evidencia também o estado transitório em que a artista se encontra: entre duas culturas. Como seu corpo existe apenas naquele formato por algum período de tempo, depois passando a existir num outro formato, outro tempo e outro lugar. Isto demonstra como o seu corpo e a sua identidade se encontram em estado transitório, relacional.

Este caráter transitório também se apresenta nesta obra de Tostes. *Passagem* simboliza o que permite a ligação entre dois lugares, dois sentidos. Nessa performance, a artista sugere um regresso ao entrar no objeto e permanecer por um período e depois se expelir, renascendo. A obra ganha um aspecto de princípio e fim, representados aqui de modo interligados, ao passo que a artista abandona o lugar que ocupa dentro do objeto e emerge para o mundo. Além disso, quando ela afirma: “ [...] a terra como um grande ventre, como um cosmos”⁷ é possível traçar uma relação com a sua própria mãe, tendo em vista que Tostes a perdeu, ainda jovem. “Com *Passagem*, ela revisita a memória afetiva de sua infância e encontra com sua mãe ausente, a mãe desconhecida, mãe enterrada com o luto de sua filha na urna funerária que a artista chama de “*ventre da terra*” (NAME, 2014, p.57). Dessa forma, o objeto ganha uma outra conotação, esta que remete ao ventre, revelando também um desejo por pertencimento, de reencontrar a mãe e, mesmo assim, de reemergir. Portanto, a ausência é também relevante na vida de Celeida Tostes.

E o regresso aparece também nos trabalhos artísticos de Mendieta com relação às suas origens, à Cuba. No trabalho de Gerardo Mosquera denominado *De regresso* (1999-2000), mostra os artistas cubanos que passaram as suas vidas afastadas do país. Ao tratar de Mendieta, ele menciona sobre a memória que a artista possui com a Ilha, devido a sua origem, por ser o local onde se afirmava positivamente a sua identidade como latina. Evidenciando a relação de Mendieta com seu país, a sua origem. Apesar de ter visitado, a artista nunca mais voltou a morar lá, criando, assim, uma nova camada de aproximação com Celeida Tostes e a obra *Passagem* (1979).

Temos, então, duas artistas que usam do corpo, aliado a terra para evocar suas

7 Op. Cit., p.53.

sensibilidades e subjetividades a partir de uma falta, presente em ambas as vidas que se transportam em seus trabalhos artísticos de formas diferentes, mas com diálogos entre si.

3. O RETORNO

A importância da ausência nas vidas dessas artistas provocou desejos por um retorno. Mendieta, às suas origens, devido a ruptura ainda jovem com o seu país natal e Tostes, também às suas origens, pela perda de sua mãe. Os cortes em suas vidas encontraram na arte uma forma de evidenciar essa ausência e utilizaram os seus corpos a fim de marcá-la como presença.

Por meio de ambas as artistas, é possível notar como as histórias que as atravessaram constituíram suas subjetividades e, assim, apresentam-se em seus trabalhos. O diálogo entre as duas obras parte desse caráter transitório. Em *Passagem* (1979), o ciclo da vida e as perdas são realçadas; já na série *Silhuetas* (1977), há uma percepção de como os encontros, que nem sempre são livres de violência, mesmo que seja simbólica, levam a uma nova constituição da percepção de si, onde também há perdas. Mas a perda também pode ser um renascimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BLOCKER, J. *Where is Ana Mendieta? Identity, performativity and exile*. EUA: Duke University Press Books, 1999.
- DEL RIO, P. B.; PERREAULT, J. *Ana Mendieta: a retrospective*. Nova Iorque: Ed. The New Museum of Contemporary Art, 1988.
- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Sila, Guaracira Lopes Louro. 11. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- MENDIETA, A. *Ana Mendieta plants her garden*, 1980. [Entrevista cedida a] Judith Wilson. In: STOPS, S. L.; CHADWICK, W. *More than minimal: feminism and abstraction in the '70s: Lynda Benglis, Jackie Ferrara, Nancy Graves, Eva Hesse, Ana Mendieta, Mary Miss, Ree Morton, Michelle Stuart, Dorothea Rockburne, Hannah Wilke, Jackie Winsor*. In: ANNUAL PATRONS AND FRIENDS EXHIBITION, ROSE ART MUSEUM, 19., 1996, Brandeis University, Waltham, Massachusetts. Exposição.... Waltham, Mass: Rose Art Museum, Brandeis University, April 21-June 30, 1996, 1996. Print.
- MONTANO, L. *Performance artists talking in the eighties*. Los Angeles: University of California Press Berkeley, 2001.
- MOSQUERA, G. *De regresso*. *Encuentro de la Cultura Cubana*, n. 15, 1999-2000, p. 147-153.
- NAME, D. *Da lama ao caos, do caos à lama*. In: SILVA, R. e COSTA, M.L. (Org.) *Celeida Tostes*. Rio de Janeiro: Memória Visual, 2014.
- RUÍDO, M. *Ana Mendieta*. Colección Arte Hoy, Hondarribia, Editorial Nerea, 2002.